

# **WALTER BENJAMIN E GIORGIO AGAMBEN: UMA ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS DA LINGUAGEM**

Claudecir dos Santos<sup>1</sup>  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

## **RESUMO:**

O presente artigo tem a pretensão de analisar os desdobramentos da dimensão política da linguagem em Walter Benjamin e Giorgio Agamben, e observar como a verdade e seus efeitos de poder se manifestam a partir das relações da linguagem com os dispositivos que a tornam possível de ser vivenciada. Além disso, traz presente a concepção própria de Benjamin acerca da linguagem, estabelecendo uma relação entre a filosofia da linguagem benjaminiana com alguns conceitos da teoria do filósofo italiano Giorgio Agamben.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem; Walter Benjamin; Giorgio Agamben.

## **WALTER BENJAMIN AND GIORGIO AGAMBEN: AN ANALYSIS OF THE POLITICAL IMPLICATIONS OF THE LANGUAGE**

### **ABSTRACT:**

The present article has the purpose to analyse the ramifications the political dimension of the language in Walter Benjamin and Giorgio Agamben, and to observe the truth and his effects express the relations of the language with the devices that make her possible to be lived. Besides, bring the present the conception of Benjamin about the language, establishing a relation between the philosophy of the language benjaminiana with some concepts of the theory of the Italian philosopher Giorgio Agamben.

**KEYWORDS:** Language; Walter Benjamin; Giorgio Agamben.

### **Introdução**

Corporificada em línguas e sistemas de signos, a linguagem possibilita que o ser humano crie, recrie, signifique e ressignifique o mundo. Considerando essas condições e dimensões da linguagem, embora tenha ido além delas, o filósofo

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: [claudecirs@unochapeco.edu.br](mailto:claudecirs@unochapeco.edu.br)

alemão Walter Benjamin contribuiu para o estudo da linguagem ao dar destaque para o caráter mágico da linguagem, ao mesmo tempo em que demonstrou preocupações quanto à instrumentalização que dela se fez, especialmente a partir da modernidade. Na mesma esteira das contribuições, embora não falando diretamente de linguagem, Giorgio Agamben, ao descrever os conceitos de contemporaneidade e profanações, e esclarecer o que é um dispositivo, também contribui de forma significativa para um entendimento do que a linguagem, através de suas dimensões políticas, pode provocar e proporcionar à vida de seres humanos.

Para Benjamin, a linguagem não comunica nada além da essência espiritual das coisas, equivalendo isso também aos homens. Nesse sentido, a linguagem humana é um meio no qual sua essência se expressa. Benjamin acrescenta, porém, que a linguagem não é uma particularidade do homem, uma vez que tudo na natureza pode ser linguagem, sendo, nesse caso, a linguagem do homem, uma forma mais privilegiada da linguagem em geral. Fora disso, a linguagem é geralmente entendida como um meio de comunicação entre os homens, mas, nesse caso, Benjamin considera que a linguagem pode passar a ser usada e abusada ao ponto de não conseguir *ser* e *dizer* tudo o que realmente ela é. Não se revelando como mágica, portanto.

Partindo dessa realidade, nossa hipótese é de que, quando Giorgio Agamben escreve sobre o que significa ser *contemporâneo* e sobre o significado do ato de *profanar*, ou vice-versa, nesse momento ele apresenta possíveis condições para a vivência de uma linguagem *mágica*.

Embora Agamben não tenha a preocupação, nem mesmo a pretensão de fazer essas aproximações, insistimos nelas por acreditar que enquanto os *dispositivos* dos quais trata Agamben forem criações resultantes de uma linguagem burguesa instrumentalizada, conforme descreveu Benjamin, nem a teoria benjaminiana nem as ideias de Agamben se potencializarão como mecanismos que auxiliam na busca da verdade.

Diante dessa realidade suscitam algumas dúvidas, e, frente a elas, será preciso em primeiro lugar esclarecer se, desvinculando a linguagem de dispositivos que a contaminam, da subordinação aos fóruns científicos que ela foi conduzida e da padronização instrumental que lhe foi conferida, poderá ela purificar-se e transformar-se no fio condutor da verdade que levará o homem à emancipação e, conseqüentemente, à compreensão de sua existência. Contudo, independente dos resultados dessa investigação, será necessário demonstrar que, pura ou não, a linguagem, enquanto faculdade humana, continuará sofrendo implicações políticas. Diante delas, o desafio está em compreender como essas implicações políticas se originam e se desenvolvem. A partir dessas análises, emerge a questão norteadora de toda a investigação: sendo a linguagem a possibilidade do encontro do homem consigo mesmo, com as coisas, com outro e com o mundo, e, justamente por isso não conseguir eliminar a dimensão política que a torna possível de ser vivenciada, como escolher, classificar e modificar, se necessário, os *dispositivos políticos* capazes de proporcionarem o desenvolvimento de uma *linguagem mágica* que dê aos seres

humanos a condição de *profanarem* e se tornarem *contemporâneos* vivendo na contemporaneidade, sem ter como dela fugir ou renegá-la?

Com intuito de colaborar com algumas discussões que giram em torno da linguagem, especialmente com aquelas calcadas em dispositivos que a contaminam, é que emergiu a vontade de desenvolver uma pesquisa que mostre o que a linguagem é capaz de proporcionar. Pensando nessa possibilidade de pesquisa foi preciso ir ao encontro de autores que não apenas contribuem com questões teóricas sobre a linguagem, mas que, acima de tudo, colaboram com discussões acerca das implicações políticas que a linguagem apresenta. Foi exatamente nesse momento de buscas e questionamentos, que Walter Benjamin e Giorgio Agamben, surgiram como os autores que oferecem subsídios para o desenvolvimento de uma pesquisa que pretende investigar, através das dimensões políticas da linguagem, se existem limites para as ações humanas e, se existem, até onde, se usando da linguagem, essas ações podem ser explicáveis pela razão humana. Por considerar que dúvidas e interrogações acerca de questionamentos como esses são pertinentes e, portanto, merecedores de um estudo com maior profundidade é que acreditamos na relevância filosófica, política, social e científica de um estudo sobre a temática apresentada.

Além disso, em decorrência das mudanças paradigmáticas ocorridas nos últimos séculos, e em virtude da emergência de novos paradigmas, pensar na linguagem como mediadora da superação e construção de paradigmas, significa ir além da sua conceituação para compreender, através de suas implicações políticas, como estão sendo construídos os novos cenários onde os seres humanos atuarão. Os diferentes cenários apresentam diferentes palcos. Compreender como funcionam as regras para estar nesse palco não é o suficiente para nele atuar, mas significa, pelo menos, ter conhecimento para entender a diferença entre ser protagonista de uma história ou ser mero coadjuvante dela. A análise a ser desenvolvida poderá conduzir o público a abrir as cortinas desse palco para enxergar o que existe nas suas dependências, essa descoberta poderá até parecer insignificante, mas o verdadeiro sentido de abrir as cortinas ultrapassa a execução do ato de abrir. Portanto, acreditamos que a verdadeira justificativa de um estudo como este, acontece nas conquistas que surgem durante e depois do seu desenvolvimento.

É sabido que, conforme nos envolvemos com um trabalho, estudo ou até mesmo um projeto de vida, a motivação aumenta na medida em que as descobertas e conquistas vão acontecendo. Paralelo a isso também nos alegamos quando encontramos naquilo que estamos envolvidos razões para continuar acreditando em algo melhor, em alguma coisa que tenha sentido para a vida humana. Por conta disso, quando um autor ou uma obra conquistam essa condição e despertam em uma pessoa, em um grupo, em uma geração, ou em diferentes pessoas de diferentes gerações a vontade de querer viver experiências que alimentam o ideal de libertação, a ele, o autor, ou a ela, a obra, não se deve dar as costas ou fechar os olhos.

Walter Benjamin é esse autor que criou uma obra anunciadora de esperanças. A ação de esperar o que se deseja e a confiança naquilo que se espera, significados esses dados à palavra esperança, transmitem muito daquilo que Benjamin descreveu em sua obra. Segundo ele, muitos seres humanos abandonaram, uma após a outra,

todas as peças do patrimônio humano, empenhando-as, muitas vezes, a um centésimo do seu valor para receber em troca a moeda miúda do “atual”. Isso se deu e se dá por conta dos privilégios de alguns em função da miséria, desgraça e esquecimento de outros. No entanto, Benjamin acredita que os *outros* precisam reinstalar-se novamente. É a sua crença na *redenção revolucionária da humanidade* que nos leva a considerá-lo como um pensador esperançoso e, por isso, um contribuinte na busca pela emancipação humana.

Vivendo em um período conturbado da história (1892-1940), Benjamin assistiu à eclosão de duas guerras e vivenciou a ascensão de regimes totalitários. Vítima das ideologias nazistas e antisemitas, este autor judaico-alemão, filólogo e filósofo, teólogo e marxista, ganhou notoriedade a partir da segunda metade do século XX, devido, sobretudo, ao alcance crítico de sua obra que, embasada na sua filosofia da história, descreve a realidade olhando para o passado, ao mesmo tempo em que aponta para o futuro da humanidade.

Contudo, para que o desejo de Benjamin – *a redenção revolucionária da humanidade* – se efetive, um conjunto de mudanças precisará se tornar realidade. Será necessário sair da impotência à vivência de experiências que potencializem ações libertadoras, caso contrário, persistindo uma forma de vida individualizada, desmemoriada, marcada por uma pobreza de experiências que dificulta, ou até mesmo impossibilita a criação de sujeitos históricos, autênticos seres contemporâneos, o projeto redentor não se efetivará. Sobre essa possibilidade, é de toda forma importante destacar que muitos estudiosos já apresentaram inúmeras contribuições que muito ajudaram para que importantes experiências inspiradas nas análises e reflexões oriundas das teorias de Walter Benjamin se tornassem reais. Entretanto, na ânsia em consumir o novo, resultado, em grande parte, da excessiva exploração dos sentidos humanos, ao invés de presenciarmos experiências que demonstrem a evolução do homem, assistimos e somos tocados por acontecimentos que revelam um ser embrutecido. O desejo, portanto, em abraçar um projeto que traz como tema a linguagem e suas implicações políticas em Walter Benjamin e Giorgio Agamben, não se restringe em dar continuidade às contribuições já apresentadas sobre questões análogas a essa temática, mais do que isso, predomina a convicção de que a credibilidade das teorias de Benjamin e Agamben servirá de fundamento a uma análise da linguagem a partir da dimensão política dos dispositivos que com ela se relacionam e a torna possível de ser vivenciada.

Em síntese, o que estamos desejando fazer, além de trazer presente a concepção própria de Benjamin acerca da linguagem, é estabelecer uma relação entre a filosofia da linguagem benjaminiana com alguns conceitos da teoria do filósofo italiano Giorgio Agamben. Se, por um lado, Walter Benjamin insiste na apreensão de um tempo histórico que não tem sua marca na cronologia e sim, na intensidade dos acontecimentos, como necessário para a conquista da *redenção revolucionária da humanidade*, por outro, Giorgio Agamben assinala que uma autêntica revolução não visa a apenas mudar o mundo, mas, antes, a mudar a experiência do tempo. Essa leitura conduz à interpretação de que a revolução que Benjamin e Agamben desejam é uma revolução *messiânica*. Nossa aposta é que, a partir das contribuições de

Agamben, a filosofia da linguagem benjaminiana, ao servir de base para a análise dos desdobramentos da sua dimensão política, e observar como a verdade e seus efeitos de poder se manifestam a partir das relações da linguagem com os dispositivos que a tornam possível de ser vivenciada, poderá trazer à baila novos elementos teóricos que possibilitem novas leituras e novas interpretações da filosofia da linguagem de Benjamin.

### **Walter Benjamin e Giorgio Agamben e as implicações políticas da linguagem**

Ao conceber a linguagem como uma característica essencialmente humana, os seres humanos passaram a descrever teorias e elaborar pensamentos que justificassem essa afirmação. No entanto, embora tais explicações tenham sido usadas na biologia e outras respeitadas áreas da ciência para se tornarem realmente convincentes em relação ao que descobriam e concluía, a linguagem nunca deixou de estar em constante análise, seja por linguistas, filólogos, filósofos ou outros estudiosos do assunto. Por essa razão, a abrangência do que é a linguagem, como surge, qual o seu sentido e qual é a sua capacidade, historicamente tem gerado curiosidades e múltiplas interrogações. Devido aos inúmeros questionamentos e também às conclusões sobre tudo aquilo que a envolve, é que a linguagem se mantém em pauta enriquecendo importantes e necessários debates acerca do desenvolvimento e *evolução* da espécie humana.

O debate em torno da questão da origem da linguagem (e das diferentes línguas) foi especialmente intenso no final do século XVIII e início do XIX. “Ele foi marcado pelos avanços da filosofia e pelo nascimento da gramática comparada das línguas indo-européias” (SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 23). Nesse sentido, com o intuito de contribuímos e aprofundarmos o debate sobre o tema, propomos um estudo sobre a linguagem e suas implicações políticas. Para tanto, direcionaremos a análise para as teorias do filósofo alemão Walter Benjamin, em particular para sua filosofia da linguagem, e para as teorias do filósofo italiano Giorgio Agamben. Acreditamos que a teoria da linguagem benjaminiana ainda não foi desvendada e esclarecida a ponto de poder ser entendida como um instrumento contribuinte para a conquista da emancipação humana. Da mesma forma, acreditamos que Agamben, ao esclarecer o que é um dispositivo e descrever o que significa ser contemporâneo e profanar, além de apresentar elementos significativos para a busca e conquista da emancipação humana, deixa pelo caminho setas indicativas para que o desejo benjaminiano da redenção revolucionária da humanidade possa se efetivar, não sem antes, é claro, resolver outros problemas que mais adiante serão apresentados.

Fazer uma investigação sobre o conceito de linguagem em Benjamin significa deixar-se conduzir pelas proposições reflexivas de um teórico que deseja fugir das armadilhas do reducionismo intelectual. Por esse motivo, é necessário um olhar criterioso sobre as diversas reflexões e escritos que desenvolve. Isso significa dizer que, embora o foco da investigação esteja centrado na linguagem, não deixaremos de observar outros aspectos da obra benjaminiana. Se considerarmos a forma diferenciada de explicação e interpretação que Benjamin faz dela, sua função e seu

emprego, concluiremos que um breve passeio sobre outros elementos da sua obra, como os conceitos de narração, tradução e mimesis, por exemplo, serão necessários para localizarmos as implicações políticas que a linguagem apresenta.

Benjamin escreveu vários ensaios sobre a linguagem. Alguns de seus estudiosos, dentre eles, Jeanne Marie Gagnebin, dividem esses ensaios em dois grupos: no primeiro encontram-se os escritos da juventude, “fortemente influenciados pela mística judaica onde se destacam as obras: *Da linguagem em Geral e da Linguagem do Homem* (1916), e *A tarefa do Tradutor* (1921)” (GAGNEBIN, 2005, p. 95). No segundo grupo destacam-se “dois textos curtos escritos depois de 1933, que pertencem, portanto, à sua assim chamada fase materialista. São eles: *Doutrina do Semelhante* e *Sobre a Capacidade Mimética*” (GAGNEBIN, 2005, p. 95). Gagnebin acrescenta que nesses dois últimos textos “Benjamin esboça uma teoria da *mimesis* que também é uma teoria da origem da linguagem” (GAGNEBIN, 2005, p. 95).

O ponto de partida, portanto, de Walter Benjamin é a diferenciação entre a *linguagem em geral e a linguagem humana*, apresentado no ensaio de 1916<sup>2</sup>, que assume um papel central na sua teoria da linguagem. A partir dessa produção Benjamin criou as bases para outras elaborações inclusive para as reflexões posteriores que fez sobre ela. Esse trabalho “serviu de modelo de todas as demais obras relevantes, funcionando, assim, como um esquema fundamental de outras obras” (SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 80). Ao apresentar, através do ensaio de 1916, suas observações sobre a linguagem, Benjamin trouxe à baila um assunto que passou a ser interpretado como sendo a sua *filosofia da linguagem*. Para o autor, aquilo que é comunicado *na* linguagem e aquilo que é comunicado *através* da linguagem, tem diferença. Assim como também há diferença entre a linguagem originária, o ato de nomear e a dimensão instrumental da linguagem. O esclarecimento e a diferença desses conceitos são necessários para a compreensão da filosofia da linguagem benjaminiana.

É importante destacar, em um estudo sobre a filosofia da linguagem benjaminiana, a sua ligação com a teologia judaica. É com base nela que Benjamin encontra argumentos para teorizar sobre a língua adâmica e a queda do pecado original que leva à confusão linguística de *Babel*<sup>3</sup>. Após um resgate da origem da

---

<sup>2</sup> De acordo com Seligmann-Silva, “a reflexão sobre a linguagem percorre praticamente toda extensão dos escritos de Walter Benjamin. Entretanto, numa carta a Martin Buber, de julho de 1916, encontramos o que pode ser considerado como um dos primeiros documentos acerca desta ocupação com o problema da linguagem. Nessa carta, Benjamin recusa um convite de Buber para participar da recém criada revista *Der Jude* sob alegação da sua discordância quanto ao conteúdo do primeiro número da revista (de cunho sionista). É a partir desta discordância que ele elabora uma reflexão e até mesmo uma teoria acerca da dignidade da linguagem”. (SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 79-80).

<sup>3</sup> Sobre esse assunto, John Milton esclarece que: em “Des Tours de Babel”, um ensaio baseado em sua leitura de “A Tarefa do Tradutor” de Benjamin, Jacques Derrida desenvolve as ideias de Benjamin quanto à lenda bíblica da Torre de Babel. Usando a tradução literal da Bíblia de André Chouraqui, reinterpreta a história. Quando os semitas tentam construir uma torre com seu topo no céu, onde eles “farão um nome para si”, Yahweh dispersa-os, proclamando seu nome, “Bavel”, “confusão”, que confunde o lábio de toda terra (MILTON, 1998, p. 161).

linguagem e uma diferenciação entre linguagem em geral e linguagem dos homens, Walter Benjamin passa a se preocupar com a linguagem humana e com a instrumentalização dela. As interrogações que angustiam Benjamin a esse respeito são compreensíveis se considerarmos as seguintes considerações:

O homem é assim, essencialmente, um ser de linguagem, mas a linguagem, que o define, lhe escapa de maneira igualmente essencial. Este movimento de disponibilidade e de evasão explica também porque a linguagem humana não pode ser reduzida a sua função instrumental de transmissão de linguagens: os homens já nascem num mundo de palavras das quais não são os senhores definitivos; só quando desistem desta ilusão de senhoria e de dominação para responder a esta doação originária, só então eles, verdadeiramente, falam. (GAGNEBIN, 1994, p. 25).

Em relação à linguagem em geral e, mais especificamente, sobre a origem das línguas, Gagnebin afirma que esse tema é, em Benjamin, “uma modalidade da questão da essência da linguagem ligada ao seu caráter mágico, ‘oculto’ e imediato” (GAGNEBIN, 1994, p.25). Aqui já se pode notar que as discussões que envolvem a problemática da linguagem precisam ser amplamente discutidas, pois segundo Benjamin,

Toda expresión de la vida espiritual del hombre puede concebir-se como una especie de lenguaje, y este enfoque provoca nuevos interrogantes sobre todo, como corresponde a un método veraz. [...]. En una palabra, cada comunicación de contenidos espirituales es lenguaje, y la comunicación por medio de la palabra es solo un caso particular del lenguaje humano.[...] No existe evento o cosa, tanto en la naturaleza viva como en la inanimada, que no tenga, de alguna forma, participación en el lenguaje, ya que está en la naturaleza de todas ellas comunicar su contenido espiritual. (BENJAMIN, 2001, p. 59).

O que percebemos a partir dessas palavras é que fica evidente a presença de uma concepção teológica sobre a origem da linguagem. Essa influência teológica contribuiu para que a teoria da linguagem de Benjamin fosse alvo de críticas que a colocaram, pelo menos em alguns momentos, em degraus inferiores, sendo considerada como não-científica. Um outro dado interessante a ser destacado, no tocante à filosofia da linguagem benjaminiana, é a sua proximidade com a teoria romântica da linguagem. Fica quase impossível não notar e não admitir as inúmeras afinidades entre Walter Benjamin e os românticos<sup>4</sup>. Gagnebin ressalta que tais afinidades podem ser reagrupadas em dois eixos principais:

---

<sup>4</sup> Seligmann-Silva afirma que as referências de Benjamin ao grupo dos românticos de Jena remontam, nas suas cartas publicadas, ao ano de 1911. Mas é numa carta de 1916 a Martin Buber que se pode notar o valor que ele atribuía a este grupo de autores. Ele afirma aí só conseguir citar um único modelo de revista objetiva: a *Athenäum*, de Friedrich e August Schlegel. Essa admiração pela *Athenäum* fez com que ele se aprofundasse no estudo das obras de F. Schlegel e Novalis nos anos de 1917 e 1918, estudo este que culminou na execução da sua tese sobre estes autores. (SELIGMANN-SILVA, 1993, p. 12).

Primeiro, uma filosofia da linguagem que repousa sobre uma concepção não-instrumental da linguagem e sobre uma teoria soteriológica da crítica e da tradução; segundo, uma filosofia da história que busca uma relação não meramente causal, mas sim, mais de intensidade entre a verdade de uma obra e a sua inserção histórica no horizonte mais amplo de um ‘messianismo romântico’, que deseja pensar ao mesmo tempo religião e revolução. (BENJAMIN, 1993, Capa)<sup>5</sup>.

Embora estejam resumidas em dois eixos principais, conforme foi destacado, perceberemos que são muitas as afinidades entre eles. Sobre elas, porém, assim como sobre outras aproximações e influências entre ambos, em um outro espaço ou no desenvolvimento da pesquisa poderá ser dado mais ênfase. Aqui, o que precisamos deixar claro é que, distante dessas polêmicas, seja sobre a influência teológica na construção da teoria da linguagem, seja sobre a influência romântica, nossa preocupação está em mostrar as contribuições da linguagem através de suas implicações políticas. É esse o nosso foco e com ele esperamos dar continuidade ao desejo de Benjamin, ou seja, o desejo em não conceber a linguagem como um simples conjunto de signos que serve apenas para transmissão de mensagens, Benjamin queria ir além e mostrar que a linguagem não pode somente se instrumentalizar e admitir que está em dia com sua função, ela é e pode  *muito mais*, conforme veremos. Acreditamos que nesse  *muito mais* está a possibilidade de construção de uma linguagem libertadora.

Dentro dessa ideia introdutória, percebemos que Benjamin demonstra estar preocupado com uma possível redução da linguagem a um simples meio de transmissão de conteúdos. Caso isso ocorra, ela não poderá ser descoberta em sua verdadeira essência e eficácia. Começamos, então, a compreender por que o autor apresenta e dá um destaque especial ao caráter mágico da linguagem, que seria superior ao caráter instrumental. “Lo medial refleja la *inmediatez* de toda comunicación espiritual y constituye el problema de base de la teoría del lenguaje. Si esta *inmediatez* nos parece mágica, el problema fundacional del lenguaje sería entonces su magia” (BENJAMIN, 2001, p. 61). Descobrir e entender qual é o fundamento dessa magia parece ser o ponto chave para compreender o conceito de linguagem benjaminiano.

Sobre isso, no desenvolvimento de sua filosofia da linguagem, Benjamin apresenta possíveis respostas. Uma vez que essa é a proposta que defende, transformar a linguagem em mágica. Entretanto, aquilo que lhe preocupa, a instrumentalização da linguagem, vai ganhando relevância no desenvolvimento de sua obra, conforme vai clareando o fato de que sua preocupação não está em eliminar os instrumentos usados pela linguagem e que possibilitam a comunicação, sua preocupação pode melhor ser percebida nas análises que ele faz dos aprisionamentos pelos quais os homens passam a ser vítimas, quando não conseguem superar essa instrumentalização. Nesse sentido, Souza faz a seguinte afirmação,

---

<sup>5</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie In: BENJAMIN, Walter. O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão. 1993, contracapa.



Quando a linguagem é utilizada de modo a inibir a revelação da essência mais íntima do homem, ela se torna apenas um instrumento de uma sociedade que encarcera seus indivíduos, sem que estes, muitas vezes, se dêem conta do processo aprisionador que são vítimas. Assim, para se escapar ao maquinismo infernal de uma linguagem que submete o homem à servidão generalizada, é necessário reinventar a própria linguagem, ou melhor, recuperar algo que nela existe, mas que hoje, cada vez mais, vem sendo expulso do seu domínio. (SOUZA, 1995, p. 138).

Diante da realidade aprestada e da conclusão de Benjamin de que o homem moderno vive uma verdadeira esquizofrenia entre o discurso proferido e a realidade vivida, fica evidente que um estudo, da forma que estamos propondo, sobre a linguagem e suas implicações políticas poderá abrir o leque de discussões sobre os aprisionamentos que a linguagem pode provocar, assim como as condições que ela pode criar para a libertação do homem de todos os tipos de aprisionamentos que o sufocam.

A filosofia da linguagem benjaminiana, nesse sentido, é atualizada, merecedora, portanto, de ser trazida para o debate, entretanto, o preconceito que a assola somado à força do desenvolvimento de um “progresso impensado” impossibilitam a existência de experiências coletivas onde a linguagem possa se revelar como mágica. Por concordar com Benjamin, em grande parte, do que ele descreve sobre a linguagem, e acreditar na linguagem como condição indispensável à emancipação humana, mas não enxergar na sua filosofia da linguagem o alcance necessário para manuseá-la no cotidiano, é que desejamos dar continuidade a alguns apontamentos feitos por Benjamin, para isso se faz necessário visualizá-los no contexto atual. Em função dessa situação, seguimos ao encontro de teorias que se desenvolvem e seguem caminho na esteira do projeto benjaminiano, é nessa esteira que encontramos as teorias do filósofo italiano Giorgio Agamben. É com Agamben, a partir da descrição de alguns conceitos por ele criados ou transformados que pretendemos revitalizar a linguagem ao trazermos para o debate as suas implicações políticas.

A aproximação de Agamben com Benjamin é tão evidente, a partir das citações que o pensador italiano faz do filósofo alemão, que, para alguns, Giorgio Agamben é um seguidor de Walter Benjamin. Independentemente das classificações que se façam, certo é que a relevância da obra agambeniana se dá pelo aumento constante do brilho próprio que vem ganhando nos últimos tempos. O reconhecimento de sua obra comprova o seu caráter contribuinte para um estudo do humano e as relações que ele estabelece com seus semelhantes e com a natureza.

Assim como Benjamin, Agamben também descreve alguns conceitos que parecem ser estruturantes em sua obra, três pontos de discussão pertinentes, são, certamente, os *dispositivos*, as *profanações* e a *contemporaneidade*. Ao escrever sobre esses conceitos Agamben não só expõe a sua *visão de mundo*, como também assume, através dos conceitos, um direcionamento e uma posição quanto ao futuro da humanidade.

Observando o que Agamben descreve nesses conceitos, notamos uma correlação com a filosofia da linguagem benjaminiana. As imbricações e “comunicações”, em alguns momentos, entre as teorias nos impulsionam à análise de algumas hipóteses de investigação voltadas ao inter-relacionamento das teorias desses autores.

Agamben chama literalmente de *dispositivos*, “qualquer coisa que tenha de algum modo à capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p. 40). Para ele, os dispositivos “tem sempre uma função estratégica concreta, como tal, resultam do cruzamento de relações de poder e de relações de saber” (AGAMBEN, 2009, p. 29).

Diante dessa determinação do que sejam os *dispositivos*, não é errado admitir que a própria linguagem seja entendida como um *dispositivo*. Entretanto, quando analisamos, por exemplo, os conceitos benjaminianos de *tradução*, *semelhança* e *mimesis*, conceitos esses que ajudam a fundamentar a sua filosofia da linguagem, assim como, quando aparece, mesmo que seja nas entrelinhas das teorias de Agamben, o *poder*, a *violência* e o *testemunho*, imediatamente somos levados a classificar esses conceitos como dispositivos que se tornam possíveis graças ao uso da linguagem. Portanto, além de encarar a linguagem como um dispositivo, o que mais importa é perceber quais são os principais dispositivos que possibilitam, através da linguagem, a criação e formação do sujeito. Agamben entende que esse *sujeito* “é o que resulta da relação entre os seres viventes (ou substâncias) e os dispositivos” (AGAMBEN, 2009, p. 41). Para que esse sujeito possa ser contemporâneo e viver a contemporaneidade, ele não pode se deixar cegar pelas luzes do século, conseguindo, com isso, a sua íntima obscuridade. Em outras palavras, o sujeito precisa “perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo” (AGAMBEN, 2009, p. 65).

É o próprio Agamben quem admite que, por seguir essas exigências, ser contemporâneo não é fácil. Por isso, admite o autor, “*os contemporâneos são raros*”. Não como uma resposta, nem mesmo como *a* alternativa encontrada, mas sim como uma possível saída do labirinto onde os sujeitos estão à procura de um caminho que os leve, pelo menos, à porta por onde entraram no labirinto (contemporaneidade), Agamben propõe a *profanação*. *Profanar* significa restituir ao uso comum o que havia sido separado na esfera do sagrado. “Consagrar (*sacrare*) era o termo que designava a saída das coisas da esfera do direito humano, profanar por sua vez, significava restituí-las ao livre uso dos homens” (AGAMBEN, 2007, p. 65). Em função das transformações provocadas pelo capitalismo, Agamben afirma que muitas coisas passaram a ser improfanáveis, por isso, conclui, “a profanação do improfanável é a tarefa política da geração que vem” (AGAMBEN, 2007, p. 79).

Quando analisamos, paralelo a esses conceitos de Agamben, a filosofia da linguagem de Walter Benjamin, vemos que a preocupação do filósofo judaico-alemão em exaltar o caráter mágico da linguagem e a sua preocupação e combate à instrumentalização da linguagem, não apenas ganham sentido, como também se

revelam como fundamentos para uma *práxis* dos conceitos agambenianos acima citados.

Entretanto, por entender que é *na* e *com* a linguagem, através de dispositivos que o sujeito conquista a capacidade de criar, significar e ressignificar o mundo, consideramos ser necessário apresentar quais são as reais condições para a emanação da linguagem *mágica* através dos dispositivos existentes na contemporaneidade. As leituras que nos levaram a esse questionamento, suscitaram outras questões de pesquisa que consideramos merecedoras de análises. Uma delas decorre da constatação de que, diferente do que pensam outros autores, para Benjamin, a linguagem não comunica nada além da essência espiritual das coisas, equivalendo isso também aos homens. Nesse sentido, a linguagem humana é um meio no qual sua essência se expressa. Fora disso, a linguagem também pode ser entendida como um meio de comunicação entre os homens, mas, nesse caso, Benjamin considera que a linguagem pode passar a ser usada e abusada ao ponto de não conseguir *ser e dizer* tudo o que realmente ela é. Contudo, quando Agamben escreve sobre o que significa ser *contemporâneo* e sobre o significado do ato de *profanar*, parece que encontramos uma saída para a vivência de uma linguagem *mágica*. Mas, a partir disso, fundamentalmente terá que se explicar, de que forma será possível ser *contemporâneo* e *profanar*, enquanto os dispositivos forem criações humanas resultantes do uso de uma linguagem burguesa instrumentalizada? Em decorrência, e até mesmo como consequência dessa situação, surge a necessidade de esclarecer de que forma a proposta agambeniana poderá ser efetivada sem que o desejo benjaminiano de exaltação da linguagem *mágica* em contrapartida à sua redução intrumentalizada seja alcançado.

Profanar e ser contemporâneo, como vimos, é a sugestão dada por Agamben, entretanto, ser contemporâneo de acordo com as possibilidades apresentadas pelo o autor não é em nada fácil, haja vista que:

A contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

Esta relação, ora de intimidade, ora de distanciamento do ser para com o tempo que ele vive, traz consigo diferentes possibilidades para se viver na contemporaneidade, ou seja, a capacidade de distanciamento da realidade permite uma não-adesão e interiorização completa, ingênua, portanto, da mesma. Ao mesmo tempo, porém, o espaço aberto vai sendo preenchido por novos significados que não carregam consigo a obrigatoriedade de transformar sujeitos que vivem na contemporaneidade em contemporâneos, nem ao menos têm a função de ajudar ou ensinar os sujeitos a profanarem.

O espaço vazio é preenchido pela linguagem, é por essa razão que insistimos na importância de investigar as implicações políticas da linguagem, são elas que poderão transformar a linguagem em libertadora ou não. Para decifrá-las será necessário partir dos dispositivos que se relacionam com a linguagem e a comunicam. Em função dessas análises, acreditamos que na sequência desse estudo serão reveladas muitas e importantes descobertas a partir do instante em que problemática de investigação inicialmente apresentada, começar a ser desvendada.

Por fim, aproveitando o espaço de diálogo, apresentamos não uma conclusão, mas, mantendo a coerência quanto ao propósito desse estudo em desenvolvimento, trazemos à baila um pensamento em forma de hipótese, ou seja, na continuidade das análises acerca dessa temática, a investigação se concentrará em torno da seguinte ideia: a dimensão política da linguagem emerge das relações entre linguagem, sujeito e acontecimento, fazendo, portanto, das relações humanas sua condição necessária. Contudo, uma significativa compreensão das implicações políticas da linguagem se dará quando analisarmos, no instante histórico em que foram criados, os dispositivos que, através da palavra, têm a capacidade de transmitirem aquilo que é possível de ser comunicado.

O inevitável a partir da exposição dessa ideia, é o fato de que, nessas condições, a compreensão da dimensão política da linguagem implica na compreensão da dimensão política da memória. É com ela que passamos a entender o grau de responsabilidade que temos em nossas ações. É como se o passado voltasse à cena para proporcionar que os humanos do presente enxergassem o que fizeram enquanto seres racionais, e o que deixaram de herança às futuras gerações, inclusive as suas. Enxergar o que foi feito no passado, no instante histórico da realização dos fatos, assim como ter a capacidade de enxergar o presente, é, de acordo com Agamben, a condição para ser contemporâneo e viver a contemporaneidade. Agamben e Benjamin, portanto, são autores que nos oferecem elementos para que possamos, ao manipularmos suas teorias, entender como, através dos conceitos criados, ambos os autores contribuem para que uma análise das implicações políticas da linguagem possa ser estabelecida. Na continuidade desse estudo, em um segundo momento, as questões e hipóteses anteriormente levantadas serão analisadas.

## Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Infancia e historia: destrucción de la experiencia y origen de la história*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009
- \_\_\_\_\_. *O Que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Política del exílio*. Grifos. p. 99-111 n. 13, nov. 2002. Chapecó, SC: Grifos, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ANTELO, Raúl. *Mimetismo y migración*. Grifos. p. 35-47 n. 14, maio 2004. Chapecó, SC: Grifos, 1993.
- ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BENJAMIN, Andrew; OSBORNE, Peter. *A filosofia de Walter Benjamin: destruição e Experiência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BENJAMIN, Walter; SCHOLEM, Gershom. *Correspondência*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no Auge do capitalismo*. Tradução Jose Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b.
- \_\_\_\_\_. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- \_\_\_\_\_. *Para una crítica de la violencia y otros ensayos. Iluminaciones IV*. Trad. Roberto Blatt. Taurus, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Passagens*. Organização da edição brasileira Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Sumus, 1984.
- BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens*. Chapecó, SC: Argos, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Walter Benjamin: entre moda acadêmica e Avant-garde*. Texto de uma palestra proferida na universidade de São Paulo no ano de 1998. Trad. João Roberto Martins Filho. Disponível em: [http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/A\\_Buck-Morss.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/A_Buck-Morss.pdf). Acesso em junho de 2010.
- FERRIS, David S. WALTER BENJAMIN: *Theoretical questions*. Stanford University Press Stanford, California 1996 by the board of trustees of the Leland

- Stanford junior university Printed in United States of America. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?rview=1>. Acesso em junho de 2010.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração e Walter Benjamin*. Campinas: Fapesp, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Walter Benjamin: Os Cacos da História*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- HORKHEIMER, Max. *Teoria Crítica: uma documentação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- JOBIM e SOUZA, Solange. *Infância e Linguagem: Backhtin, Vygotsky e Benjamin*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1995.
- LAGES, Suzana Kampf. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999b.
- LEVI, Primo. *É Isto Um Homem?*. Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Se não agora, quando?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LÖWY, Michael. *Redenção e Utopia: o judaísmo libertário na Europa Central: um estudo de afinidade eletiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MARX, Karl. *A Questão judaica*. 4. ed. São Paulo: Centauros, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MATOS, Olgária C. F. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MONTEIRO, Mariangela da Silva. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Org.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. 2. ed. Campinas, Papyrus, 1997.
- MURICY, Kátia. *Alegorias da Dialética: imagens e pensamentos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- ROUANET, Sergio Paulo. *A razão nômade*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1993.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Conhecimento prudente para uma vida decente: 'um discurso sobre as ciências' revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SCHEURMANN, Ingrid; SCHEURMANN, Konrad. *For Walter Benjamin*. Bonn: Inter Naciones, 1993.
- SCHOLEM, Gershom. *Walter Benjamin: a história de uma amizade*. Trad. Geraldo Gerson de Souza, Natan Norbert Zins e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999b.
- \_\_\_\_\_. *Ler o livro do mundo: Walter Benjamin: romantismo e crítica literária*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- SOUZA, Sonia Maria Ribeiro de. *Um outro olhar: filosofia*. São Paulo: FTD, 1995.
- TONET, Ivo. *Educação, Cidadania e emancipação Humana*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.